

## **Histórias de Um Novo Mundo - Vida**

### **Capítulo 3 – E, de Repente, Um Novo Mundo**

*Que noite... É sério, que noite!*

Michael Makoto tinha uma nova perturbação em sua mente. Incrível, segundo ele próprio. Em dois dias, tudo conseguiu mudar tanto que ele teve dois pensamentos perturbadores nesse pequeno lapso de tempo.

A última noite não foi sua melhor noite de sono também, o que era esperado. Marinville fez algo sobrenatural com ele e seu irmão. Pouco mais de 24 horas depois, seu pai se mostra absurdamente rápido em seus movimentos de combate. Tanto que seus golpes não podiam ser realmente observados. E, aparentemente, isso tinha alguma relação com o que Marinville usou anteriormente. Ah, claro, não poderia ser esquecido pelo garoto – e ele acabava de se dar conta disso – o fato de que Marinville também podia fazer o mesmo que seu pai. Ora, ele interveio na luta e deteve um golpe de Carlin Adams, que também era absurdamente rápido.

*Que tipo de festival de super poderes está acontecendo nessa droga de castelo afinal de contas?!*

Nunca passou pela mente de Michael que isso pudesse realmente existir. Ele sempre zombou dos filmes de artes marciais nos quais as pessoas praticamente voavam. Michael sempre achou ridículo que aquilo acontecesse, pois o filme tinha uma proposta baseada na realidade e aquilo era bizarro.

Michael foi obrigado a mudar seus conceitos nesses dois dias que se passaram. E o pior, sua curiosidade agora estava lhe fazendo ficar, como Sir Ektor disse na noite anterior, angustiadamente ansioso.

E, como se todo o resto não fosse o bastante, Michael ainda recebeu uma carga de preocupação com seu pai na noite anterior. Satoshi Makoto realmente ficara perturbado após o combate com Adams. O que poderia ter acontecido? Ele foi ferido? Ou aconteceu algo que envolve aura e espírito? A junção de todas essas informações e dúvidas dos últimos dois dias estavam, de fato, perturbando o garoto.

Para o alívio de Michael, Sir Ektor disponibilizara um pequeno tatame localizado, para surpresa de todos, não na ala de instrução, mas no castelo. Uma das salas subterrâneas do castelo é um tatame de 200 metros quadrados. Embora menor que o tatame da ala de instrução, tinha uma ornamentação aparentemente mais suntuosa. Não tinha quadros nas paredes, mas o lugar em si inspirava grandeza, o que lhes deu a ideia de que aquele seria o local de treino particular de Sir Ektor. E tudo isso só fazia a mente de Michael ficar ainda mais sobrecarregada de perguntas sem respostas.

*Porque somos tão especiais assim?*

Nesse local, Satoshi Makoto e seus filhos teriam o tempo que fosse necessário para treinamento particular dos garotos. Apenas os três estariam ali durante os momentos de treino da família.

Por conta disso, Satoshi disse a seus filhos que o treino deles teria início na manhã seguinte e que, por isso, eles deveriam descansar bem.

*Ah, claro! Até parece.*

A despeito do aviso, a noite de sono de Michael foi péssima e agora estavam os três no tatame particular para darem início ao que – assim esperava Michael – poria fim aos questionamentos constantes.

– Brian e Michael – começou Satoshi a falar quando chegaram ao tatame –, vocês talvez estejam em dúvida sobre muitas coisas. Primeiramente, vou avisá-los que tudo isso é muito natural. Nada do que vocês presenciaram nos últimos dias é incomum. Na verdade, ocorre com mais frequência do que vocês possam imaginar.

Ao sentarem os garotos, o pai deles continuou:

– Antes de qualquer treino, deixem que eu explique o que é a aura e o espírito. Eu mantive esse fato escondido por querer que vocês primeiramente tornassem os seus corpos e mentes mais fortes. A maioria das pessoas, ao descobrir que existe aura e espírito, e que se pode manipulá-los, costuma ficar tão estarecida que larga as demais coisas no esquecimento, e isso não é algo muito sábio a se fazer. Eu não queria que isso acontecesse com vocês, pois o corpo e a mente fortes são necessários como base para tudo.

“Bem, sobre a aura, ela é a energia que emana do corpo humano. Nada mais, nada menos. E até onde sabemos, só o ser humano produz tal energia. Os corpos de vocês dois, assim como todos, produzem uma certa quantidade dessa energia. Não é o mesmo que energia elétrica, vejam bem, é muito diferente. A aura é muito mais versátil que qualquer outro tipo de energia conhecida, mas só pode ser armazenada no corpo humano.”

Brian levantou a mão na intenção de questionar, ao que seu pai lhe concedeu a palavra.

– Só pode ser armazenada no corpo humano? Como assim, pai?

– Eu disse que só pode ser armazenada, eu talvez tenha usado palavras que confundem mais do que ajudam. Vejam bem, o corpo humano produz aura, e uma pequena quantidade dessa energia emana de nossos corpos e nos deixa. Outra parte permanece nos corpos e fica armazenada, como se fôssemos uma pilha.

“Eu disse que poderia confundir, pois, da maneira que falei, deixei a impressão de que uma pessoa pode passar sua aura e armazenar no corpo de outra, o que não acontece. Bem, pelo menos não acontece normalmente. Mas o produto da aura, seja qual for, pode ser armazenado em qualquer outro lugar, a depender de que produto foi feito com a aura. Ou seja, se com a aura eu produzir algo, esse produto pode ser colocado em outro lugar que não o corpo humano. A aura, entretanto, enquanto energia, não pode ser armazenada em qualquer outro lugar que não o corpo em que foi gerada. Estão conseguindo acompanhar tudo?”

Brian e Michael se preparavam para questionar, mas Satoshi não lhes deu a chance e continuou.

– Talvez vocês queiram saber o que se pode produzir com a aura. Entendam que é tudo muito complicado. A aura é algo muito versátil, como eu já disse, e tem aplicações praticamente infinitas. Sim, na verdade, não é exagero dizer que com a aura se pode fazer praticamente qualquer coisa.

Mais uma vez, antes que os garotos pudessem se expressar, Satoshi continuou.

– O mais importante é perceber que a aura pode ser manipulada e que temos limitações ao fazer isso. Como eu já disse, por exemplo, não podemos armazenar a aura em algum local que não em nós mesmos. O que é um problema, pois nossos corpos têm um limite. Esse limite muda de acordo com o indivíduo, mas sempre há um limite. E não podemos ter mais aura armazenada dentro de nós do que esse limite permitir. Chamamos tal limite simplesmente de Aura Total.

“Dessa maneira, nossos corpos param quase toda a produção de aura quando atingimos o limite de Aura Total, e o que é produzido em excesso, além de ser produzido em quantidade menor, é totalmente lançado fora de nossos corpos. Ou seja, é aura perdida, desperdiçada.”

“Cada indivíduo tem um outro limite também. O limite de quanta aura ele pode fazer emergir de dentro de seu corpo sem permitir que essa aura seja lançada fora, ou seja, sem permitir que a aura que ele retirou do interior de seu corpo seja desperdiçada. Chamamos esse limite de Aura Total Emanada. Vocês não podem ver, mas meu corpo,

nesse exato momento, está envolto em uma certa quantidade de aura. Vocês não podem ver porque para isso é necessário que uma outra quantidade de aura seja colocada nos seus olhos, assim, sua visão melhora o suficiente para ver outras auras. Nesse momento, seus olhos não possuem quase nenhuma aura, o que inviabiliza que vocês vejam a pequena quantidade que estou emanando agora. Para que vocês possam ver, eu teria que aumentar muito a quantidade de aura que eu emano, ou vocês teriam que aumentar um pouco a quantidade em seus olhos. Quanto mais aura nos olhos, melhor vocês podem ver a aura, mesmo que seja uma pequena quantidade. Resumindo, quanto mais aura nos olhos, melhor você pode ver; daí, com mais aura nos olhos, você poderá ver uma quantidade menor de aura que esteja na sua frente.”

Michael agora queria fazer uma pergunta e seu pai autorizou.

– Foi usando a aura que o senhor conseguiu se mover tão rápido ontem? E foi assim também que Marinville fez Brian desmaiar e me paralisou no museu?

– Foi graças a uma aplicação da aura que eu pude me mover mais rápido, mas a técnica de Marinville, pelo que você me disse, não foi baseada em aura, mas no espírito. É algo bem diferente.

– E qual a diferença?

– Vamos com calma, Michael. Um passo de cada vez.

Satoshi não demonstrava irritação alguma. Na noite anterior, entretanto, ele estava visivelmente perturbado para Michael. Alguma coisa aconteceu durante a luta que ele teve com Adams. Michael não conseguiu entender o que aconteceu, mas entender as aplicações de aura agora pareciam a Michael a melhor coisa a se fazer. Não apenas para satisfazer sua sede de conhecimento do interessante, mas para diminuir a preocupação que surgiu nele a respeito de seu pai.

– Como eu dizia, existem diversos limites na manipulação da aura e ainda existem infinitas maneiras de aplicá-la. Ontem, como Michael perguntou, eu utilizei da aplicação da aura para me mover mais rápido, não apenas isso, mas para aumentar a resistência de meu corpo, para aumentar o poder destrutivo dos meus próprios golpes e muito mais. Isso é uma das aplicações mais básicas da aura, chamamos isso de Amplificação.

“Essa aplicação permite ampliar as capacidades físicas de alguém ou de alguma coisa. Ontem, eu ampliei minhas próprias capacidades físicas. Da mesma maneira, eu poderia ampliar as capacidades físicas de um objeto. Deixe-me mostrar.”

Satoshi havia trazido uma mochila, ele tirou dela um pequeno pedaço de madeira que não media mais que 30 centímetros de comprimento. Segurando-o firme com as duas mãos, ele o colocou a sua frente.

– Michael, você pode quebrar isso com um soco?

– Posso, pai.

– Tente – disse resolutivo.

Era estranho. Michael conseguia quebrar algo como aquilo com facilidade, mas os dois dias que se passaram o prepararam mentalmente para o que viria em seguida. Ele não conseguiu. Aplicou dois socos com toda força que poderia existir em seu corpo, mas o pequeno pedaço de madeira permaneceu inteiro nas mãos de seu pai e o seu próprio punho direito agora doía intensamente.

– Sente-se, Michael. Espero que isso ajude a lembrar que sua animação nem sempre lhe serve bem. Eu apenas apliquei minha aura nesse pedaço de madeira e amplifiquei suas qualidades físicas. Acredito que com uma marreta você não conseguiria quebrá-lo, Michael.

“Vocês percebem o quanto isso pode ser usado como arma, correto? Se uma pessoa amplia suas próprias capacidades físicas, um soco poderá ser muitas vezes mais

forte, dependendo unicamente da quantidade de aura usada para tal e do quão bem foi realizada a aplicação. Eu utilizei muito de minha aura nesse pedaço de madeira para garantir que Michael sequer pudesse fazê-lo torcer.”

– Quais são os outros métodos de aplicação da aura, pai? – perguntava Michael depois que seu pai permaneceu um pouco em silêncio.

– São muitos, mas eles podem ser agrupados. É dessa forma que as pessoas os estudam.

– Quando vamos aprender a manipular nossa aura?

– Amanhã, eu acho, começarei a mostrar-lhes como manipular a aura. Hoje vocês vão se concentrar em aprender um pouco da teoria. Um mínimo necessário para que, ao começarem a manipulação, tenham em mente as possibilidades que surgirão diante de seus olhos. As boas e as más.

Satoshi Makoto mais uma vez buscou algo em sua mochila. Retirou de lá um pequeno caderno e uma caneta. Ao abrir o caderno em uma folha em branco, usou a caneta para desenhar algo que parecia uma árvore.

– Prestem muita atenção agora. A maneira mais comum de agrupar as diversas formas de aplicação da aura é demonstrada como uma árvore. Vou explicar porque isso acontece.

“Costumamos separar esses métodos de aplicação em 3 grandes grupos: o Grupo Básico de aplicação, o Grupo Elemental e o Grupo Especial. A Ampliação, como eu disse antes, é uma das aplicações mais básicas, então é bem lógico dizer que ela pertence ao Grupo Básico.”

“O Grupo Básico é a raiz da árvore, juntamente com o caule. O Grupo Elemental é representado pelos galhos. O Grupo Especial é representado pelas flores. Com isso, a ideia é de que só é possível atingir o Grupo Elemental ou o Grupo Especial se você já dominar um pouco o Grupo Básico, pois não há galhos e flores sem raiz ou caule. Assim, os grupos Elemental e Especial são dependentes do Grupo Básico.”

– E o Grupo Especial é dependente do Grupo Elemental também, certo? – questionou Michael.

– Não. É possível, e não é raro, que uma pessoa realize uma aplicação especial da aura sem nunca ter realizado uma aplicação elemental. Michael, existem flores que nascem diretamente do caule das árvores, sem precisar dos galhos para existir.

“A representação de galhos e flores tem um outro sentido. As aplicações elementais são, em regra, iguais para qualquer um. As aplicações especiais, no entanto, raramente são iguais entre os manipuladores. Assim são também os galhos e as flores. Entre árvores diferentes, é bem comum que os galhos sejam muito parecidos, mas as flores terão cores, aromas e formas totalmente distintas.”

“Enfim, todos necessitam das aplicações básicas, pois delas é que são abertas as portas para as demais. E antes que me perguntem, as básicas não são necessariamente piores que as elementais ou especiais. Alguma dúvida até aqui?”

Ambos os garotos permaneciam em silêncio com olhares estarecidos. Assim, Satoshi retomou a palavra.

– Acho que vocês têm dúvidas demais, não é? À medida que vocês forem se familiarizando com tudo isso, vai ficar mais fácil entender e até lembrar cada grupo e cada parte da teoria. Não se apressem em entender tudo hoje, pois cada parte desse complexo sistema vai se mostrar simples aos seus olhos com o mero passar dos dias em que vocês vão aprendendo um pouco mais. Continuando, notem agora que cada grupo também é composto de subgrupos. Não adiantaria lhes dar detalhes hoje, mas vou adiantar o seguinte resumo.

“O Grupo Básico engloba as aplicações que envolvem a Ampliação, a Emissão, a Transformação e o Movimento. Cada um desses tipos de aplicação pode ser combinado, o que gera um novo tipo que também será encaixado no Grupo Básico.”

“O Grupo Elemental é composto pelas aplicações que envolvem o uso de água, de fogo, de ar ou de terra. Isso lhe traz lembranças de algum filme, Michael? Pois bem, não entrarei em detalhes, mas o passar do tempo lhes mostrará como isso é possível.”

“O Grupo Especial, como seu nome anuncia, é especial. É o grupo que envolve todas as aplicações que têm como produto algo que não se encaixa nos dois anteriores. É um grupo que não tem um denominador comum. É composto por infinitos tipos de aplicação. Contudo, existem dois tipos que predominam nesse grupo, são os tipos de aplicação que envolvem a materialização de um objeto – sim, isso é possível – ou o selamento de algo. Caso exista dúvida quanto a isso, selar alguma coisa é, literalmente, prender tal coisa.”

Os rostos de Michael e Brian ainda estavam perplexos. Satoshi continuou, entendendo isso.

– Acho que vocês precisam de um tempo para processar toda essa informação. Perguntem o que quiserem.

– Na verdade, pai – começou Michael –, não é tão difícil de entender, mas é tudo fantástico demais. É como se estivéssemos participando de alguma história louca saída de um livro de aventura.

– Certo, então é difícil de acreditar.

– Não é tanto, pois minha mão ainda dói por causa da tabuazinha, e isso me ajuda a acreditar, mas...

Um momento de silêncio se fez. Brian o rompeu.

– Na verdade, isso tudo é realmente muito fantasioso. É um tanto inacreditável mesmo. Se me contassem isso há 3 dias, eu riria.

– É claro – respondeu Satoshi. Vocês estão se deparando com uma faceta nova da realidade. É o surgimento de um novo mundo para vocês. Isso acontece com todos em diversos momentos. Na verdade, aura e espírito não são coisas difíceis de acreditar ou entender, não mais difícil que acreditar em qualquer outra coisa, mas a visão de mundo que vocês têm dificulta esse processo.

“Sabe, garotos, isso acontece durante toda nossa vida. Não estranhem quando chegar o dia de encontrar uma nova informação que vai chocá-los, isso vai acontecer mais vezes. Alguém certa vez disse algo como ‘Se as pessoas soubessem como são feitas as salsichas e as leis, não comeriam as primeiras e não obedeceriam as segundas’. Não me lembro quem foi o homem que disse isso, mas demonstra bem toda essa situação.”

– Pai, o senhor está falando de quê? – questionou Brian.

– Meu filho, estou falando das nossas vidas. Nós nascemos sabendo de muito pouco. Por não sabermos de muitas coisas, nós passamos nossos primeiros anos de vida interrogando a tudo e a todos. Passamos os primeiros anos de vida em busca da verdade. Depois de aprendermos algumas coisas, não muitas, simplesmente deixamos de lado a busca pela verdade e nos contentamos com a noção que temos da realidade. É mais fácil acreditar que aquilo que sabemos já é todo o necessário. Isso nos faz formar uma visão de mundo, mas ela nunca é completa. Aí está a questão, nós não entendemos muito da realidade, mas passamos a aceitar o que conhecemos como se fosse a realidade plena. Num determinado momento, surge algo novo diante de nossos olhos e nos confronta. Por ser algo tão diferente daquilo que nós acreditamos ser a realidade, nós passamos a taxar essa novidade de mentira, sem nem mesmo julgar adequadamente qual é a verdade real. Compreendem?

Os rostos dos garotos ainda estavam perplexos, mas demonstravam uma nova noção de entendimento.

– Vejam bem, vocês se acostumaram com uma realidade e disseram para vocês mesmos que não existe algo como aura e espírito. Agora, suas mentes querem se convencer de que isso não existe, mesmo que seja tão óbvio que existe. Sim, pois assim é mais fácil. As pessoas não procuram saber como são feitas as leis e as salsichas, pois é mais fácil simplesmente obedecer as leis, desde que não sejam muito duras, e comer as salsichas, desde que tenham um sabor agradável. Entendem? Viver sem procurar a verdade é mais fácil, e quando uma informação destoante das nossas crenças nos é mostrada, tendemos a julgá-la como errada sem ao menos averiguar qual é a real verdade.

Os rostos dos garotos pareciam mais entendidos agora. Michael pensou bem no que o pai disse. Ele agora imaginava que sua curiosidade o tentava a ver o mundo como realmente é, mas existia dentro dele uma outra força, uma força que o tentava a aceitar o que ele já entendia como a verdade. Duas forças opostas lutando dentro dele. Qual venceria? Talvez essa resposta dependesse exclusivamente de Michael. Talvez não. Ele ainda não sabia.

– Bem – iniciou Satoshi Makoto –, vou ajudar um pouco suas mentes a aceitarem essa nova realidade, mas lembrem dessas minhas palavras no passar de suas vidas, pois talvez eu não possa ajudá-los em outros momentos.

Levantando-se, o pai ordenou aos filhos: – Fiquem de pé. Vou demonstrar o quanto a aura e sua aplicação são reais.

O que se seguiu foi, para Michael, o treinamento mais severo que já havia ocorrido na face da Terra – e ele já havia passado por muitos treinos severos. Durante 3 horas, com poucas pausas curtas para beber um pouco de água, os garotos deveriam atacar o pai com tudo o que tinham. Michael percebeu logo que o corpo do pai possuía o mesmo efeito protetor que havia no pequeno pedaço de madeira, porém, numa intensidade menor.

As 3 horas mais longas das vidas dos garotos Makoto acabaram finalmente. Os corpos de Michael e Brian estavam não apenas exauridos, mas doíam como nunca. Cada parte de seus corpos doía, embora não houvesse um só osso quebrado. Satoshi Makoto dosou muito bem a quantidade de aura em seu corpo, isso deu a seus filhos a “sorte” de não ficarem gravemente feridos.

– Já é meio-dia, nosso treino de hoje acabou. Essa foi a primeira aula de vocês. Descansem por hoje. Sir Ektor deu liberdade para aproveitarmos a maior parte das instalações do castelo e de toda a propriedade, mas tomem todo o cuidado possível.

– Tomaremos – saiu em unísono da boca de ambos em resposta.

– Vamos comer alguma coisa. Antes do anoitecer, vocês já se sentirão melhor, acreditem.

Entre o lado leste do castelo e a floresta de Overton Woods, localizava-se a ala de habitação. Um prédio tão regular quanto a ala de instrução, porém, muito menor. Possuía 3 andares também – e um outro subterrâneo, no qual funcionava uma cozinha –, mas cada um deles ocupava uma área muito inferior aos andares da ala de instrução, ocupavam “apenas” 1500 metros quadrados cada.

Michael, na noite anterior, conheceu unicamente o andar térreo – no qual funcionava o bloco de alimentação – e o primeiro andar – o qual era composto exclusivamente pelo bloco A, o bloco com alojamentos para até quatro pessoas cada. Depois de comer com seu pai e seu irmão, ele resolveu conhecer a cozinha e o segundo andar.

Seu corpo não estava tão mal afinal de contas. Ele conseguiu realizar todo o trajeto sem complicações – salvo a proibição de entrar na cozinha. No segundo andar, entretanto, ele conseguiu adentrar facilmente. Havia dois banheiros, o feminino e o masculino. Eram banheiros exclusivamente para banho e outras formas de limpeza, visto que nos alojamentos existia um local apropriado para as demais atividades que alguém pode realizar num banheiro. O restante do andar era constituído de outros alojamentos, cada um deles com capacidade para uma pessoa. Michael logo observou que aquele segundo andar era o bloco B.

*Que original, chamar cada andar de “bloco”. Poderiam chamar simplesmente de “andar”.*

Todos os quartos estavam ocupados. Assim como os alojamentos do andar abaixo, havia um número na porta de cada um. Próximo à escada, assim como no andar de baixo, havia uma lista com os nomes dos ocupantes de cada aposento. Sim, até os nomes dos 3 membros da família Makoto já constavam no quarto número 112. Michael observou esse detalhe e agora notava que os nomes de Adams e Trusten, bem como o de Marinville, não estavam em nenhum dos quartos. *Eles devem ter quartos no castelo. Quartos melhores.*

– Ah, quem é você? – Perguntava uma voz feminina e desconhecida que vinha do quarto 203, agora com a porta aberta. Você é um novato? Eu não lembro de você.

– Ah, olá. Sim... é, sou sim.

Michael virou-se muito rapidamente para ver quem era a dona da voz, mas não esperava o que viu. Uma linda garota, que não aparentava ser de uma idade diferente da sua, agora estava observando-o. Seu rosto lívido era como a neve, o que foi uma visão agradável aos olhos de Michael. Claro, ainda mais depois das duras horas que passara há pouco. Os cabelos loiros caíam até a altura de seu abdômen. Todo o conjunto parecia a Michael raios de sol dourados refletidos na neve de um dia belo e aconchegante.

Por um momento, todos os questionamentos deixaram a mente de Michael e uma única imagem restava. Um momento rápido, sim, mas o primeiro desse tipo em muitos meses.

– Meu nome é Carol Adams. Você é...?

– Michael Makoto – completou de imediato. Eu cheguei ontem com meu pai e meu irmão.

– Ah, estou vendo seu nome no quarto 112. Bem-vindo. Você pratica o quê?

– Karate. Desde criança. Você?

– Eu sou pintora. Bem, também gosto de música.

– Carol Adams... você é filha do... como é mesmo, Carlin Adams?

– Eu? Não, não. Ele é um dos que ajudam Sir Ektor a dirigir a fundação. É também o instrutor de atletismo. Não dá pra imaginar como seria bom ser filha dele, mas não. Ele é muito respeitado, ele é incrível. Então não, não somos parentes, é apenas uma coincidência de nomes. Mas espere até conhecê-lo, o senhor Adams é realmente demais! Mas... tá tudo bem com você?

Pelo olhar da moça, Michael entendeu que ele mesmo não aparentava dar interesse ao que ela achava de Carlin Adams. Aquele cara seria sempre um qualquer para Michael. Mas essa não era a imagem que ele queria passar nesse momento. Depois de uma curta pausa, Michael perguntou: – Você tá ocupada, Carol?

– Hã?

– Bem, eu sou novato e... – a voz de Michael tentava aparentar uma necessidade imperativa agora – bem, não conheço a propriedade. Eu estava olhando tudo sozinho, mas se eu tivesse alguém como você pra me mostrar, seria muito melhor.

– Ah... ah, bem. Tudo bem. Só aguarde um momento. Já volto.

A porta se fechou mais uma vez quando a garota entrou, deixando Michael no corredor ao lado da escada. Não demorou nada, no entanto. Carol voltou com um casaco vermelho sobre a camiseta branca. Parecia ter se animado com a ideia, embora um pouco incomodada. Isso fez Michael ficar um tanto alegre.

– Bem, o que quer ver primeiro? – perguntou a garota Adams.

– Você é a guia. O que você quiser me mostrar primeiro será o primeiro lugar que quero conhecer. Por favor...

Valendo-se de um gesto cortês, Michael indicou a escada com o braço direito. Carol aceitou e tomou a dianteira na excursão. Em poucos minutos, eles estavam no jardim da frente do castelo. Michael já conhecia o local, mas não interrompeu.

– Esse é o jardim principal. É, na minha opinião, o local mais bonito de toda a propriedade. Muitas vezes, quando não consigo ter inspiração, eu venho aqui. Esse jardim me faz pensar em coisas magníficas.

Era, de fato, um jardim muito bonito para Michael. Pelas plantas que, mesmo no frio atual, conseguiam manter um verde agradável. Possuíam várias formas. Uma delas parecia um lobo, era a que mais chamava a atenção de Michael. Os bancos de madeira também davam ao lugar um ar de elegância. No entanto, o clima frio atual fez com que o jardim estivesse quase deserto. Com exceção de Michael e Carol, somente uma outra pessoa estava lá observando as obras de arte feitas nas plantas.

– É mesmo um lugar muito agradável. Pena que esse frio que está fazendo não seja muito bom pra ele.

– Não, eu discordo totalmente.

– Mesmo?

– Sim! – a voz da menina estava excitada agora. A neve aumenta o esplendor desse lugar. Veja só essas calçadas que contornam o jardim. São de mármore. Sem a neve, a paisagem não tem o mesmo brilho, principalmente porque as plantas são embelezadas pelo branco gasto do mármore que, por sua vez, fica mais atraente com o branco mais forte da neve.

Michael Makoto não tinha notado as calçadas. A observação de Carol o fez perceber o quanto todo aquele lugar fora bem projetado. As calçadas de mármore davam ao jardim um tom a mais, sem dúvida.

– Mas venha, ainda há muito mais pra te mostrar. Está vendo aquela pequena casinha lá depois da pista de pouso?

Ela apontava para longe. Michael viu, com alguma dificuldade, uma pequena construção que mais lembrava uma guarita que uma casa. Estava depois da pista, distava do jardim uns 400 metros. Estava próxima ao muro que cercava a propriedade da Fundação Levine.

– O que é aquilo? – perguntou Michael.

– Aquela costumava ser uma espécie de torre de vigilância – a voz dela agora possuía um ar de gozação que era propício, pois não havia nada de torre naquela pequena casinha. Está sem uso hoje em dia. Bem, aqui é um lugar bem pacífico, e ninguém tenta nada contra nós, então as torres de vigilância perderam a razão de ser com alguns anos de uso.

– Dá pra imaginar.

– Mas aquele lugar possui uma visão interessante do lado de fora. Qualquer dia você tem de ver. Mas hoje não. Não tenho tanto tempo pra mostrar tudo, então quero mostrar uma outra coisa primeiro.

– E o que é?

– Venha e você vai ver.

Adentraram o castelo. Tomaram o corredor na parte de trás, que fazia conexão com a ala de instrução. O tatame ficava na 3ª porta do lado esquerdo, mas Carol parou em frente à primeira do lado direito. De imediato girou a maçaneta.

– Está aberto, venha – convidou ela.

Era uma sala de 300 metros quadrados repleta de pinturas nas paredes e, no centro, de várias telas parcialmente pintadas.

– É aqui que fazemos arte, Michael Makoto. Essa é a sala de pintura.

– Caramba! Quantos quadros!

São 16 pintores jovens e o nosso instrutor, o senhor Antony Tresdent, mas ele só aceita que o chamemos de Tony. Daqui a 4 meses é o campeonato interno de pintura. Todos querem ganhar, mas pra isso é preciso uma grande ideia.

– Você já terminou o seu quadro?

– Claro que não! Não vai ser nada fácil criar algo que me faça vencer essa competição, mas eu quero mesmo ganhar, sabe?

– Sei bem como é.

– Mas a ideia do que pintar e como pintar é que vem antes de tudo. Pintar clichês não vai me render nada.

– O jardim é um clichê?

– Não. Nunca venceram, nesses sete anos, com uma representação do jardim principal. Algumas pessoas pintaram, mas não venceram. Eu penso muito em usá-lo na minha obra, mas não consigo representar a excelência daquele lugar. Se eu não conseguir passar isso para a tela, é melhor nem tentar.

– Tem certeza?

– E como. Tenho certeza que foi exatamente por isso que nenhum dos quadros representando o jardim conseguiu vencer a competição. Eu vi uma das representações do jardim, era uma tela linda, mas... sabe, os jurados observam aquele lugar quando chegam aqui. Quando viram as representações, aposto que foi uma decepção. E aí as notas foram baixas.

Michael ponderou antes de responder. Ele, no entanto, não chegou a falar. Passos vinham do corredor atrás dele. Segundos depois, uma voz: – Carol? O que você tá fazendo?

– Oi, Christian. Como vai? – respondeu Carol com a voz alegre. Estou mostrando um pouco da propriedade para o Michael Makoto aqui. Ele é novato.

– Já nos conhecemos – disse Michael. Como vai Christian?

– Vou bem, obrigado – respondeu o outro rapaz. Carol, lembre-se de que você tem de se concentrar se quiser vencer o campeonato.

– Eu sei, Christian, mas Michael não está me atrapalhando.

– Se você diz assim, tudo bem, mas lembre-se do que conversamos.

Michael não estava gostando disso. Christian Levine o estava irritando pela primeira vez. Antes só parecia um bobo que foi mimado pelo tio rico. Agora era diferente, parecia o chato que estava tentando atrapalhar.

– Eu acho que ele está um pouco certo, Carol – declarou Michael. Concentre-se um pouco no seu quadro. Eu gostei de ter te conhecido, foi uma surpresa muito boa. Depois vou te procurar pra você me mostrar a visão do lado de lá do muro que você acha muito boa.

– Uhm... dois contra uma. Então tá, eu vou aceitar por enquanto. Depois a gente se fala então, Michael?

– Com certeza. Até mais.

Com um aceno de mãos eles se despediram e Michael voltou para o castelo. Seu corpo ainda doía, sua mente ainda buscava algumas respostas, mas as antigas perguntas

agora tinham nova companhia. Sim, Carol Adams ocupava um lugar na mente de Michael de uma forma rara de se ver. Esse fenômeno tornou difícil pensar no que seu pai falou mais cedo sobre aura. De fato, Michael quase não pensou nada sobre aura.

Até a manhã seguinte.